

O ATIVISMO DE CAROLINA MARIA DE JESUS:¹ Um Estudo Folkcomunicacional de Quarto de Despejo

Tiago de Lima Eneas²
Itamar de Moraes Nobre³

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a investigar, principalmente, a caracterização de Carolina enquanto ativista social e folk, explorando excertos de Quarto de despejo (2014) que explicitem essa posição. Com base em uma Pesquisa Bibliográfica, nos fundamentamos em Trigueiro (2008), Melo (2008) e Lejeune (2008) para a análise. Concluímos que o livro ultrapassa a pessoalidade tradicional imposta ao diário e que a autora, por meio da veiculação de escritos que expõem denúncias e explicitação das agruras da favela, ultrapassa a mediação e torna-se uma ativista.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Quarto de despejo; diário; ativismo.

CORPO DO TEXTO

Carolina Maria de Jesus, de origem humilde, nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 24 de março de 1914, e se mudou para São Paulo em 1937, onde viveu na Favela do Canindé, com os três filhos. Sobrevivia da venda de papéis, ferros e outros materiais catados nas ruas da cidade (UFMG, 2025). Nesse contexto de vida, ela escreveu Quarto de despejo (2014), diário em que registrou o seu cotidiano.

Essa obra foi escolhida para a pesquisa por ser a sua primeira publicação e, ao nosso ver, a mais significativa no que tange às denúncias sociais, evidenciando desde a

¹ Trabalho apresentado para o GT Beta (online): Comunicação Popular e Ativismos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Estudos de Mídia - Análises e Pesquisa em Cultura e Processos e Produtos Midiáticos (Gemin). Email: Contato: e-mail: tiago.lima.016@ufrn.edu.br.

³ Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e do PPgEM -Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa CICULT - Círculo de Estudos em Comunicação e Cultura Visual (UFRN). Contato:itanobre@gmail.com.

marginalização e negligência diária por parte do poder público, em relação ao morador da favela, até crimes formalmente reconhecidos, e outros tipos de violência.

Neste trabalho nos propomos a investigar as características de ativista midiática *folk* de Carolina, explorando excertos do próprio livro que nos apontem essa qualidade. A análise foi fundamentada a partir da *folkcomunicação*, um campo de estudo que considera o intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes de públicos marginalizados, sejam eles urbanos ou rurais (Beltrão, 1980). Para tal, aportamos em Trigueiro (2008) e Melo (2008). Apoiamo-nos também em Lejeune (2008) para investigarmos a constituição de Quarto de despejo, levando em conta o diário enquanto categoria, caracterizando-o como escrita intimista, diferindo de diários oficiais, de imprensa ou outros tipos mais burocráticos ou protocolares.

METODOLOGIA

Sobre a teoria e prática folkcomunicacional Carvalho (2008) aponta que os estudos nessa área baseiam-se fundamentalmente em pesquisas qualitativas. Desse modo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, método de pesquisa que busca identificar “[...] informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico” (Stumpf, 2005, p. 51). Para Brito, Oliveira e Silva (2021), a importância desta metodologia está ligada ao fato de se buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Nessa esteira, pudemos selecionar materiais teóricos que auxiliaram no entendimento do objeto de nossa pesquisa.

O diário enquanto manifestação: o caso de Quarto de despejo

Apesar de reconhecer as dificuldades de uma definição fechada, Lejeune (2008) considera que o diário é, para um indivíduo, uma maneira possível de viver ou de acompanhar algum momento da vida, sendo o texto um vestígio dessa conduta que possui propósitos variados. Ele pode servir enquanto recurso preservador da memória, desabafo, instrumento de autoconhecimento, manifestação de resistência às dificuldades da vida, exercício reflexivo ou mesmo de escrita. Quando tenta definir o momento em que um

diário termina, separa os diferentes "fins" em três dimensões: o fim como horizonte de expectativa, o fim em relação às suas finalidades e o fim como realidade.

O fim tratado em relação à sua finalidade é decomposto em várias funções, sendo elas: exprimir-se, que compreende a intenção de desabafar e comunicar (enquanto o desabafo busca o descarrego das emoções em prol de um alívio sentimental, o comunicar-se ocorre em virtude da ausência de outrem para conversar); refletir, que é um impulso analítico sob si mesmo alicerçado na escrita; fixar o tempo, que é a construção de um arquivo das experiências vividas e, por fim, o prazer em escrever. (Lejeune, 2008, 275-278).

Finalmente, há o fim como realidade, momento em que o diário é confrontado com a morte de seu autor. Destaca-se, contudo, que as classificações expostas só se aplicam aqueles que ele classifica como "generalistas", denominação usada para designar os diários que pressupõem uma continuação, conforme vimos anteriormente (Lejeune, 2008, p. 271).

Essas dimensões e atributos mostram-se mais dinâmicos do que estanques, já que podem confluir entre si. Ao explorarmos Quarto de despejo, verificamos não só um desejo de denúncia e desabafo, marcado por trechos como "Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe" (Jesus, 2014, p. 47) e "Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói" (Jesus, 2014, p.112), como também a prática de um exercício reflexivo e de escrita, algo exposto por passagens simbólicas ou figuradas, tal quais "As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários" (Jesus, 2014, p. 65) e "O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga" (Jesus, 2014, p. 50).

Por meio dos registros acerca do amor de Carolina aos livros e à leitura (cf. Jesus, 2014, p. 27, 80, 93, 216), identifica-se que a poeticidade do texto não é acidental (não obstante os erros gramaticais, que decorrem da falta de acesso à uma educação formal). Não raramente a autora mescla o uso de recursos linguísticos (metáfora/analogia) com a realização de uma crítica social.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia

de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados (Jesus, 2014, p. 34).

...O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (Jesus, 2014, p. 36).

As citações utilizadas são essencialmente analógicas: a primeira aproxima o favelado do corvo, que fatalmente se atrai ao lixo e aos restos de refeições em virtude da precária situação que vivem. A segunda fala do luxo de uma residência excessivamente cara por parte do então presidente, utilizado para criticar o alheamento às condições das pessoas da favela, que, em consequência da fome, reagiriam imediatamente.

A obra finaliza com uma anotação do dia primeiro de janeiro de 1960, quando Carolina menciona que se levantou às cinco horas para buscar água, a repetição de uma exaustiva rotina da qual o leitor se familiariza ao longo livro (Jesus, 2014, p. 213). É o final enquanto horizonte: o que haverá no futuro para Carolina?

Carolina Maria de Jesus e o ativismo folk

De acordo com Silverstone (1994, apud Trigueiro (2008)), o ativista é um ator social que desempenha um determinado protagonismo nos processos de mediações, entre o local e o global, em diferentes espaços públicos e privados que constituem a vida cotidiana do grupo social que integram. Sua força motriz é o interesse tanto pessoal quanto coletivo, caracterizado como um narrador da cotidianidade, guardião da memória local, reconhecido como alguém que transita entre práticas tradicionais e modernas para que narrativas populares possam ser popularizadas (Trigueiro, 2008).

Ao estabelecer uma ideia de ativista midiático dotado das características supracitadas, Trigueiro evidencia a pluralidade deste tipo de personagem, que não se limita ao mero mediar. Melo (2008) enxerga esse ativista como um protagonista híbrido e julga que suas funções podem ser bivalentes, uma vez que ele pode tanto interpretar os conteúdos das mídias para o consumo dos cidadãos do seu entorno quanto agendar pautas folkcomunicacionais no fluxo contínuo das indústrias culturais.

Carolina, ao produzir e tornar público um diário em que mostra tanto os abusos de diversas naturezas contra os menos favorecidos quanto o desleixo dos políticos para

com certas camadas populares, se torna uma espécie de porta-voz dessas causas. Isso fica evidente em passagens como: “Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 2014, p. 39) e “...De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operários” (Jesus, 1960, p. 43).

Os trechos mencionados evidenciam um inconformismo e resistência quanto à manutenção de uma condição e à ineeficácia do populismo político, que não soluciona verdadeiramente os problemas do povo. Essa posição de ativista, mesmo à época do lançamento do manuscrito, já vinha sendo ressaltada por parte de órgãos coletivistas.

Níger – Publicação a serviço da coletividade negra, presta homenagem à autora que seria o sucesso literário de vendas do ano, bem como a grande expressão de um autor negro nacional, sem precedentes, evocando-a como um fato de extrema importância, cultural e social, ao grupo que aquele jornal e associação buscavam representar. Nesta edição, publicam-se um editorial (sobre a figura de De Jesus e a mulher negra), o poema apócrifo de Oswaldo de Camargo – que serve de epígrafe a esta subparte – e um samba em deferência à escritora, de autoria de B. Lôbo. (Silva, 2013, p. 1).

Ainda que Carolina escreva a partir de si mesma, ela passa também a falar sobre uma coletividade, tornando-se representante de sujeitos cuja condição é similar à dela, seja em termos de gênero, etnia ou classe. Há uma inversão de uma lógica tradicional de representação pois nega o jugo de outrem, de modo que assume sua própria voz enquanto vivente dos males que relata (Herzog, 2024). Não à toa, as pessoas da favela recorrem a ela com certa frequência quando acontece alguma situação fora do comum (Cf. Jesus, 2014, p. 85, 96 e 123).

Destarte, ao demonstrar as repercussões e consequências cotidianas de indivíduos marginalizados socialmente, Carolina exerce uma função de representar um discurso que antes era omitido ou manipulado por uma classe dominante (Herzog, 2024), desmascarando ideias institucionalizadas como a de oportunidades iguais para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, Quarto de despejo é um diário que ultrapassa a tradicional pessoalidade imposta ao “gênero”, algo que se evidencia mediante o próprio conteúdo, marcado pelo entrelaçamento dos propósitos diarísticos apontados por Lejeune. Tal complexidade entre forma e mensagem é ressaltada pelo encerramento do livro, que o enquadra no fim como horizonte - uma categoria que mostra que há sempre algo a ser escrito posteriormente

As denúncias feitas, bem como a maneira que são formuladas, por meio de analogias, metáforas ou utilização de uma linguagem figurada, alçaram sua autora ao patamar de protagonista social. Sua obra leva ao público geral os problemas estruturais de sua comunidade, narrando de maneira explícita o que se passa na favela. A autora ultrapassa a simples mediação e transforma-se em ativista, pois passa a agendar (para outros grupos da sociedade) pautas como fome, machismo e misoginia, agressão infantil, abusos de diversas naturezas e problemas estruturais.

REFERÊNCIAS

BRITO, Ana Paula G.; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação, v. 20 n. 44 (2021): **Cadernos da Fucamp**. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 110-124.

HERZOG, Adriana de Aquino. **Percursos críticos da obra de Carolina Maria de Jesus (2012-2017)**: uma poética indomável. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8867> . Acesso em: 30 abr. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Carolina Maria de Jesus e o associativismo político cultural negro nos anos 1960.** In: VI Colóquio Mulheres em Letras, 2013, Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricanas/resenhas/1022-carolina-maria-de-jesus-e-o-associativismo-politico-cultural-negro-nos-anos-1960-mario-augusto-medeiros-da-silva>. Acesso em: 30 abr. 2025.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Carolina Maria de Jesus.** 2025. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 30 abr. 2025.